



GT 78. Saberes, ciências e tecnologias insubmissas: o conhecimento que se produz nas margens

Coordenador(es):

Graciela Froehlich (UNB - Universidade de Brasília)

Rogério Lopes Azize (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Sessão 1 - Engajamentos insubmissos

Debatedor/a: Rosana Maria Nascimento Castro Silva (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Sessão 2 - Corpos e tecnologias em disputas

Debatedor/a: Marcos Castro Carvalho (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 3 - Desencontros e tensões entre práticas hegemônicas e contra-hegemônicas

Debatedor/a: Rafael Antunes Almeida (UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira)

Com inspiração no tema da 32ª RBA, o GT visa reunir pesquisas interessadas em um certo tipo de insubmissão: a dos saberes, ciências e tecnologias produzidas nas margens da hegemonia, por vezes em situações de embate e resistência. São temas de interesse mais evidente etnografias sobre os conhecimentos emergentes que mirem a Ciência hegemônica desde uma perspectiva crítica; os estudos que relacionem os processos de produção científica e tecnológica a pressupostos e efeitos racistas, misóginos, capacitistas e heteronormativos; as ciências que se produzem em espaços e por sujeitos ditos “leigos” ou não autorizados, por vezes em tensão com marcos regulatórios; apreciações críticas de pressupostos teóricos, epistemológicos e metodológicos dos estudos sociais e da antropologia da ciência e da tecnologia; bem como as miradas analíticas que (re)ensem tais propostas a partir dos contextos de crimes/desastres socioambientais e do Antropoceno. Vamos acolher etnografias e ensaios de natureza teórica que, ao se voltarem para a antropologia da ciência e da tecnologia, fomentem diálogos entre a antropologia simétrica e as antropologias pós e decoloniais. A despeito da recusa de Bruno Latour e de outros proponentes da ANT de uma linguagem metasociológica e de apontamentos quanto à incompatibilidade de perspectivas, interessa-nos acompanhar Anderson (2009), Harding (1998; 2008) e Benjamin (2016) em seu esforço de pensar possíveis pontes entre as duas tradições de pensamento e pesquisa.

Feminismo e antropoceno: novos olhares sobre saberes, política e natureza

Autoria: Marina Bohnenberger (USP - Universidade de São Paulo)

A pesquisa teórica que ora levo a cabo pretende adentrar as temáticas do que pode ser chamado ?feminismo do antropoceno?. O que inspira essa denominação é a publicação da coletânea *Anthropocene Feminism*, em 2015, reunindo textos de autoras como a antropóloga Elizabeth Povinelli e a filósofa Rosi Braidotti. A proposta, apresentada na abertura do livro, é empreender uma visão feminista para abordar os problemas do que vem sendo chamado antropoceno, a nova era que tem o humano como força geológica. Por um lado, as teorias de gênero, especialmente sob o olhar antropológico, têm feito importantes contribuições à investigação de paradigmas modernos e à questão da diferença, centrais no debate sobre as crises ambientais. Seguimos Marilyn Strathern, para quem a antropologia tem comunhão com uma ?parte do empreendimento feminista, a saber, a minuciosa pesquisa acerca dos construtos ocidentais? (STRATHERN, 2009, pp. 86-87). Analogamente, problemáticas ecológicas do antropoceno lançam nova luz e fazem novas



exigências à maneira como lidamos com os saberes, debate que oferece espaço profícuo às indagações feitas pela antropologia da ciência e o interesse por questões epistemológicas e ontológicas que tem povoado a antropologia. Mas como se faz o vínculo entre algumas questões feministas e outras latentes do antropoceno, e para onde ele nos leva? O que se apresenta é mesmo uma provocação instigante, crítica e atenta aos paradigmas ocidentais? - dentre eles, a noção de uma natureza impactada e devastada pela ação humana, em paralelo com as relações de poder e subjugação com as quais os feminismos dialogam. Para isso, vamos navegar por breves leituras de Isabelle Stengers e um olhar renovado sobre a Ciência e sobre política; Anna Tsing, com uma análise sobre relações multiespécies no mundo do capitalismo em ruínas, e Donna Haraway, a partir da sua já clássica noção de saberes localizados e mais atuais discussões sobre as relações entre a modernidade e as crises ambientais e científicas. Marisol de la Cadena, antropóloga peruana vivendo nos Estados Unidos, traz a discussão sobre multimundos e pluriverso, contribuindo para pensar questões como a da diferença em políticas ontológicas. São muitas as aberturas que o feminismo do antropoceno possibilita. Através destas autoras, tento traçar um caminho entre questões que permeiam práticas de saberes, política e natureza.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: